

Às Paulas

Despedindo águas e abençoando ventos,
O peixe mergulha e o sol ardeente,
Sem levar impedidos, nem tormentas,
Lançou-se à vida, um coração valente!

Deixei os meus enfiados em nevâncias,
Cambiando veleiro antigo e inexperiente,
Veleja nos céus suaves ou violentos,
Governando o leme a inspiração somente.

Deslizando as velas distantes do ideal,
No infinito oceano azul do pensamento,
Qual peregrino, que a outros céus anseia,

De lançada, o pálio já transpassado,
No doce enfiado do deslumbramento,
A honesta conquista do meu Sonho!

Pelo diale sem par que me deslumbrou!
Pelo lanterna que em luz clara arbor,
Pela felicidade que ressurte,
De quanto gosto como destolou!

Pela vida vivida na penumbra,
Nesta ditosa paz que ocidentou,
Certeira, que tanto oino já veulmbra,
Por tudo o que mais quero e mais amo!

Pela alegria só, que me trouxe,
Agradecendo, sensibilizada,
Tudo, a o carinho inenqu que me deste!

Se a vida amargura eu colli,
Sem já me estado deles compensada,
Pela ventura de ter sido a Ti!

Na trova, quando inspirada,
Cabe um poema, uma criação,
Se for a pena **Veleiro**
Na tinta de

Olhos que amo nesta vida,
Olhos, que moram nos meus,
Quem me deu, embavecido,
Que morasse eu, só nos teus!

A TI, SENHOR!

Graças a Ti, Senhor! porque me deste,
A água! a luz! e sol! o linho! e o pão!
E esta paz! e esta fé! por que fizeste
Ver flotar os meus pés e o dardo chão.

Graças a Ti, Senhor! que me trouxeste,
A humanizada, a renêcia e a comprevedora,
Mas, ler, nêho de sonhos, bem celeste,
No carinho dos meus, consolação.

Graças a Ti, Senhor! que me ensinaste,
A bendizer a dor que me existeste,
A crescer em tudo, tudo o que creaste,

Ilumina, no que sofre a minha mão,
Que seja um momento de vida preciosa,
Que reportada, a edêca do meu pão.

Conte! esta vida à não jovem,
Para as venturas que iam!
De cantar, fize-se rouco,
Mas não faz mal a ninguém.

MÃE

À minha mãe

Que missão haverá, mais nobre e mais sagrada!
Outra, que mais enlevo a que amargure tanto,
Do que ser mãe! Viver neste anelo emoldado,
Causa do teu sofrer! Risco do teu encanto!

O Mãe! Tu foste o facho iluminando a estrada!
São de renúncia e amor as dobras do teu manto,
Vibra tua alma em doce enfiado deslumbrado,
Com os olhos, muitas vez, anuviados de pranto!

Mãe! que foste capaz de todos os heroísmos:
Sendo virtude! Mãe! coelho! a mão guiadora,
Que sem emboracer, nos lês transpôr abismos,

Inda do nosso lar o mais sublime estelo!
Desse indomável resistência redentora,
Uma centelha, Ó Mãe! de Ti sempre nos velo!

Quem foi pelo mundo agora,
E da renúncia viveu?
Quem prendeu nos mãos a natureza?
Responde o crente: «Foi Mãe!»

LISSETTE VILLAR DE LUCEÑA TACLA

Lisette Villar de Lucena Tacla

Veleiro

ELIAN DE LUCEÑA TACLA, nacido en el 20 de Abril
 de 1912 en Lucena
 falleció por causas desconocidas el 10 de Julio de 1972
 en Lucena, dejando a su esposa y tres hijos: Lissette
 Villar de Lucena Tacla, María del Carmen Villar de Lucena
 Tacla y Juan Villar de Lucena Tacla.
 Lissette Villar de Lucena Tacla, nacida el 20 de
 Abril de 1937 en Lucena, casada con Juan Villar de
 Lucena Tacla, fallecido el 10 de Julio de 1972 en
 Lucena, dejando a sus hijos: Juan Villar de Lucena
 Tacla, María del Carmen Villar de Lucena Tacla y
 Lissette Villar de Lucena Tacla.
 Juan Villar de Lucena Tacla, nacido el 20 de
 Abril de 1937 en Lucena, casado con María del Carmen
 Villar de Lucena Tacla, fallecida el 10 de Julio de
 1972 en Lucena, dejando a sus hijos: Juan Villar de
 Lucena Tacla, María del Carmen Villar de Lucena Tacla
 y Lissette Villar de Lucena Tacla.
 María del Carmen Villar de Lucena Tacla, nacida el
 20 de Abril de 1937 en Lucena, casada con Juan Villar
 de Lucena Tacla, fallecido el 10 de Julio de 1972 en
 Lucena, dejando a sus hijos: Juan Villar de Lucena
 Tacla, María del Carmen Villar de Lucena Tacla y
 Lissette Villar de Lucena Tacla.
 Juan Villar de Lucena Tacla, nacido el 20 de Abril
 de 1937 en Lucena, casado con María del Carmen Villar
 de Lucena Tacla, fallecida el 10 de Julio de 1972 en
 Lucena, dejando a sus hijos: Juan Villar de Lucena
 Tacla, María del Carmen Villar de Lucena Tacla y
 Lissette Villar de Lucena Tacla.

VELEIRO

Singrando mares e afrontando ventos,
O perigo constante e o sol ardente,
Sem temer tempestades, nem tormentos,
Lançou-se, audaz, meu coração valente!

Sob os céus anilados ou nevoentos,
Como um veleiro afoito e inexperiente,
Veleja, aos sópros suaves ou violentos,
Governa o leme, a inspiração, sòmente!

Desralda as velas diáfanas da idéia,
No imenso oceano azul do pensamento,
Qual peregrino, que a outros céus anseia.

Da fantasia, o pôrto já transponho,
No doce enlêvo do deslumbramento,
A homérica conquista do meu Sonho!

Na trova, quando inspirada,
Cabe um poema, uma canção,
Se fôr a pena molhada
Na tinta do coração.

GRATIDÃO

Ao Paulo

Pelo afeto sem par, que me deslumbra!
Pela ternura, que em tua alma achei,
Pela felicidade que ressombra
De quanto grato sonho desfolhei,

Pela vida vivida na penumbra,
Nesta ditosa paz que acalentei,...
Certeza, que minha alma já vislumbra,
Por tudo o que mais quero e mais amei,

Pela alegria sã, que me trouxeste,
Agradeço-te, sensibilizada,
Tudo, e o carinho imenso que me deste!

Se na Vida amarguras eu colhi,
Bem já me sinto delas compensada,
Pela ventura de ter tido a Ti!

Olhos que amo nesta vida,
Olhos, que moram nos meus;
Quem me dera, embebecida,
Que morasse eu, só nos teus!

A TI, SENHOR!

Graças a ti, Senhor! porque me deste:
A água! a luz! o sol! o linho! e o pão!
E esta paz! e esta fé! com que fizeste
Ver florir a meus pés o árido chão.

Graças a ti, Senhor! que me trouxeste:
A humanidade, a renúncia e a compreensão;
Meu lar, ninho de sonhos, bem celeste...
No carinho dos meus, consolação.

Graças a ti, Senhor! que me ensinaste:
A bendizer a dor que me entristece,
A amar em tudo, tudo o que creaste,

E a estender aó que sofre a minha mão:
Quer seja no murmúrio de uma prece,
Quer repartindo a côdea do meu pão.

Canta! esta vida é tão pouca
Para as venturas que tem!
De cantar, fica-se rouca,
Mas não faz mal a ninguém.

M ã E

A minha mãe

Que missão haverá, mais nobre e mais sagrada!
Outra, que mais enleve a que amargure tanto,
Do que ser mãe! Viver neste anelo embalada,
Causa do teu sofrer! Razão do teu encanto!

Ó Mãe! Tu fôste o facho iluminando a estrada!
São de renúncia e amor as dobras do teu manto...
Vibra tua alma em doce enlêvo deslumbrada,
Com os olhos, muita vez, anuviados de pranto!...

Mãe! que fôste capaz de todos os heroísmos:
Sendo virtude! fé! carinho! a mão guiadora
Que sem esmorecer, nos fêz transpôr abismos,

Inda do nosso lar o mais sublime esteio!
Dessa indomável resistência redentora,
Uma centelha, ó Mãe! de Ti sempre nós veio!

Quem foi pelo mundo afora,
E de renúncias viveu?
Quem prendeu nas mãos a aurora?
Responde o crente: «Fui eu!»

A meu Pai

As virtudes de ousada e nobre raça,
Trouxeste-as no teu sangue luzitano!
Adamantino espírito, sem jaça,
Quanto mais te compreendo, mais me ufano

De ti, do teu carater, que nos traça
Um exemplo sublime e soberano!
Quem com treze anos o destino abraça,
Ao deixar o seu pago transmontano!

Com a alma esclarecida e ânimo forte,
És Tu o nosso Leme e o nosso Norte!
Do amigo leal, tens o superno dom.

Neste mundo de egoismo e de amargura,
Só uma glória almejaste com ternura,
Esta humílima glória de ser bom!

A Margarida Lopes de Almeida

Sinos que tangem ao dealbar da aurora,
Num insistente e alegre repicar!
Tunido, ecoam, pelo espaço afora,
A natureza inteira a despertar!

Sinos que tangem, rútilos, nessa hora
Fulva e sublime do apogeu solar!
Numa voz cheia, numa voz sonora,
Nesse festivo e intenso bimbalhar!

Sinos que tangem, numa voz dolente,
Numa cadência triste e compassada,
A saudade do mundo, a soluçar...

Esperanças malogradas,
Que o destino dispersou,
Sois, como em águas paradas,
Nuvens que o vento levou.

Que triste a vida me fôra
Sem a luz do teu olhar!
Amanhecer sem aurora!
Anoitecer sem luar!

SOLDADO DO BRASIL

VIDA

Ao Expedicionário

Soldado do Brasil! Numa terra estrangeira,
Lutas, com o mesmo ardor, e pelo mesmo ideal
Por que se bate quase a Humanidade inteira;
Justiça! Crença! Paz! Liberdade afinal!

Descendente de nobre e audaz raça altaneira,
Desagravas a afronta à honra nacional!
Norteia o teu valor, nossa excelsa bandeira,
Que te há de conduzir ao Panteão Imortal!

Sentirás, elevando o olhar para o Cruzeiro,
Pulsar o coração de cada brasileiro,
A seguir-te na dura escalada da Glória!

Se fôste sempre bom, pacífico e altruista,
Se o braço nunca ergueste em guerra de conquista,
Também nunca embaïnhaaste a espada sem Vitória!

Centelha augusta do poder divino
Fonte de todo o bem, de todo o mal;
És sempre a Eterna Esfinge do destino,
Desafiando a argúcia universal!

Vida!... fardo mais leve ao peregrino,
Se a alma um nobre anseio, um grande ideal!
Ao teu mistério intermínio me inclino,
Vislumbrando no efêmero, o imortal!

Vida!... que és para o aflito vil tormento,
E para o mau, vingança e perdição;
Para o descrente és sempre um só lamento.

Para o estóico, renúncia e abnegação;
Que não poupas ao justo o sofrimento,
Porque sendo Calvário, és Redenção!

Saudade! bem que tortura!
Saudade! mal que consola!
Contigo, não há ventura.
Sem ti, todo o amor se estiola.

Ilusões... Sonhos... Quimeras...
São aves de arribação.
Desde as mais remotas eras,
Mal chega o outono... se vão!

INQUIETUDE

A Júlio Dantas

Contemplo a noite... que quietude existe...
Um silêncio emotivo e singular...
Na terra, densa névoa... sombra triste...
No Espaço, quantos astros a brilhar!...

Na treva imensa, de onde tu surgiste,
Silêncio etéreo, que me faz pensar?...
Talvez da Terra agreste é que efluiste,
Ou baixaste do Céu, na luz do luar?...

Sempre êste enigma... que mudez secreta...
Descansa a terra, envólta em seu arcano...
Nada perturba o seu sonhar sidéreo...

Só não descansas Tu, minha alma inquieta,
E vives prêsa, — num tumulto insano, —
Nas espirais dêste Imortal Mistério!...

Dor acerba, dor pungente,
Traiçoeria como o quê,
Me persegue eternamente
Se estou longe de Você!

CAMÕES

Cantar-lhe o Gênio, o encanto, essa finura e a graça
Com que teceu os mais formosos madrigais...
Esse talento ousado... e o pátrio amor que traça:
— Com superna eloquência em versos magistras. —

A epopéia sublime e audaz da sua Raça,
A trágica odisséia em mares Orientais,
E o imenso destemor com que o infortúnio abraça,
Que idéia vã! Ninguém conseguirá jamais.

Jamais cintilará, num só cérebro humano:
— Com tamanho esplendor, como outro inda não
[houve, —
Valor! Curtura! audácia! inteligência igual
A esta que iluminou o Épico Luzitano,
Que entre os homens viveu, mas entre os Deuses
[jouve,
Na grandiosa visão dêsse poema imortal!

Descrentes, são deserddados,
São mais cegos que os ceguinhos,
Por serem cegos, coitados,
Vagueiam pelos caminhos!

SAUDADE

A Dinorah de Carvalho

Saudade! algente luz! e névoa... e bruma...
[e treva...

Um misterioso eflúvio, e de uma tal ternura,
Que não sei se louvar ou maldizer eu deva,
Êste agridoce bém, que sabe a desventura.

Ê um enleio fugaz, que a alma enganando enleva
Qual penumbra estelar, que fascina e tortura;
Ê a indelevel tristeza, e que no âmago leva
Inconfundível, sempre, o aroma de ventura!

Saudade! acerba angústia a ferir docemente...
Pura essência de amor! Réverbero de luz,
Que depois do sol pôsto inda ilumina o poente!

Ó dor, que o peito sente e o lábio não traduz;
Intangível... pungente... e sutil... e secreta...
Como a sombra de um nada, e a inspiração do
[poeta!

Buscas no mundo, iludido,
Sempre o bem que não é teu,
E passa despercebido,
O bem que te pertenceu.

VISÃO

Luz, que iluminas meu trilhar terreno!
Augusta sombra, que meus passos velas!
Visão guiadora! Grato fluido ameno,
Se és sombra, tens cintilações de estrélas!

Só Tu, ó Gênio Alado, é que sereno
E bom, amainas iras de procelas.
Da Humanidade, mostrás-me o veneno!
Da Eternidade, todo o bem revelas!

A gratidão, meu coração domina;
Mas, desnordeada, não consigo achar-te,
Visão estranha, viva luz divina.

E de que essência és feita? De onde vieste?
Nesta ânsia desmedida de encontrar-te,
O olhar esqueço na amplidão celeste!

Só quando o poeta é sincero,
O verso é um retalho da alma,
Que recorta com esmero,
E sôbre o papel espalma!